



Análise dos estudos sobre jornalismo ambiental: primeiras incursões

Sonia Aguiar ¹

Resumo: Este artigo propõe a construção de uma “meta-análise” das teses e dissertações focadas na relação entre jornalismo e meio-ambiente defendidas no Brasil, inicialmente a partir dos resumos disponíveis na base de dados especializada da Capes. O objetivo é identificar as recorrências temáticas, midiáticas e metodológicas desses estudos, bem como eventuais conflitos conceituais e lacunas a serem preenchidas por novas pesquisas. A ênfase da análise recai sobre os recortes geográficos privilegiados, com base na hipótese de que o referencial de proximidade (e suas escalas) é determinante tanto para o trato do jornalismo quanto de questões ambientais. O estudo apresenta resultados preliminares de pesquisa mais ampla, denominada Geografias da comunicação ambiental no Brasil.²

Palavras-chave: jornalismo ambiental; análise de cobertura; meio ambiente; jornalismo de proximidade; geografias da comunicação.

1. Introdução

¹ Doutora em Comunicação/ Ciência da Informação, professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Comunicação Ambiental (LICA <http://licaufs.blogspot.com/>).

² Este projeto de pesquisa conta com apoio financeiro do CNPQ e da Capes e tem conclusão prevista para o segundo semestre de 2012.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
(Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro), novembro de 2011

:.....

reza pública”, “ambiente escolar”, “mangueira” e outros que possam remeter ao “mundo natural” ao qual a expressão meio ambiente é tradicionalmente associada.

As teses recuperadas foram: “Atores e Discursos Ecológicos no Brasil: Ciência, Estado e Imprensa”, defendida por Antônio Teixeira de Barros em julho de 1999; “Jornalismo ambiental e consumo sustentável: proposta de comunicação integrada para a educação permanente”, por Pedro Celso Campos, em março de 2006; e, em outubro do mesmo ano, “Reportagens atravessadas, um mergulho via teoria geral dos sistemas na cobertura da poluição atmosférica feita por jornais brasileiros e mexicanos”, por Eduardo Augusto Geraque. Este reduzido resultado de abordagens e de temporalidades tão díspares não oferece nenhum referencial significativo para análise, neste contexto, por isso foi desconsiderado. Porém, indica que ainda há muito a se construir em termos de conhecimento teórico sobre as relações do jornalismo com as questões ambientais.

Já os resultados referentes às dissertações de mestrado apontam para um movimento crescente de investigações empíricas que merece uma análise mais apurada. Nesse nível de pesquisa, foram recuperados 109 títulos a partir da expressão “jornalismo e meio ambiente” e 84 com “jornalismo ambiental”. Sem as redundâncias, ficaram 139 títulos, que após filtragem manual foram reduzidos a menos da metade realmente pertinentes à pesquisa: 63. A diversidade das áreas de conhecimento e linhas de pesquisa dos programas em que essas dissertações foram desenvolvidas evidencia o caráter de transversalidade e multidisciplinaridade dessa temática, que não é mais privilégio dos pesquisadores da Comunicação.

O fluxo de produção dessas pesquisas na linha do tempo também chama a atenção: um terço delas (11) foi defendido entre 1988 e 2000, das quais oito entre 1993 e 1997, provavelmente sob o impacto da ECO-92. Daí em diante, a produção tem sido quantitativamente irregular e dispersa por vários programas: 2001 (2), 2002 (7), 2003 (4); 2004 (4); 2005 (8); 2006 (4); 2007 (9); 2008 (11); 2009 (6). Vale notar que nos três anos mais recentes da base (2007-2009) a quantidade de dissertações produzidas foi quase igual à dos cinco anos anteriores, 2002-2006 (respectivamente, 26 e 27). Somente em 2008 (ano seguinte à divulgação do quarto relatório sobre mudanças climáticas do

teorias sobre o jornalismo recém-sistematizadas fica clara com a aplicação de noções como *newsmaking*, rotinas produtivas e agendamento ao trato das questões ambientais pelas práticas jornalísticas. Nesta última fase, fica evidente o “descolamento” do jornalismo ambiental em relação ao jornalismo científico, o que pode ser visto como uma mudança paradigmática.

Ao contrário do que se observa nos estudos de jornalismo em geral, e no jornalismo científico em particular, nos estudos sobre o jornalismo ambiental a cobertura dos chamados “pequenos meios”, de âmbito local ou regional (incluindo programas de rádio e TV), predomina sobre a dos grandes veículos "nacionais" (as revistas semanais de informação e os jornais diários do eixo Rio-São Paulo). Merece atenção, contudo, o fato de nenhuma das dissertações defendidas até 2009 ter abordado as miríades de “ecomídias” que povoam a Internet.

Do ponto de vista metodológico, a preferência pela análise de conteúdo e pela análise do discurso (algumas vezes combinadas) associadas à análise de coberturas ainda é grande. Mas já se observam algumas aplicações interessantes de outras abordagens, como estudos de recepção e de percepções ambientais; análise de cobertura focada em processos; análise de repertório (programação, organização editorial); análise de trajetórias em um campo (Bourdieu), como o de jornalistas que cobrem meio ambiente, as fontes privilegiadas, os ambientalistas envolvidos com políticas ambientais, etc.

2. Sobre a possibilidade de uma meta-análise qualitativa

A meta-análise é um método de investigação baseado em dados e conclusões obtidos em pesquisas, estudos, levantamentos e análises realizados por outros pesquisadores, que vem sendo utilizado de modo crescente nos últimos anos. Mas não consiste em mera revisão bibliográfica ou de literatura especializada. Seu traço distintivo, até o momento, é a consolidação de dados quantitativos, preferencialmente os estatísticos, referentes a uma coleção de experimentos laboratoriais ou de campo preexistentes.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
(Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro), novembro de 2011

:.....

(...) dados, produzidos para atender aos objetivos específicos de uma pesquisa individual, quase sempre limitados temporal e geograficamente, podem, ao serem reunidos, cobrir um período de tempo mais longo e um espaço territorial mais amplo que quaisquer das investigações isoladas. Sobre esse novo conjunto de dados podem ser lançados diversos olhares, sob inúmeros pontos de vista, com distintos objetivos e hipóteses, que resultarão em conclusões originais ou, ao menos, tornarão mais robustas e gerais as conclusões anteriores. (LUIZ, 2002, p.409)

Ou seja, uma meta-análise obrigatoriamente “muda ou transcende o resultado de análises anteriores, sendo uma reflexão crítica sobre elas” (idem).

As áreas biomédicas e biológicas têm sido os campos privilegiados de aplicação da meta-análise, por permitir encontrar e avaliar criticamente o máximo de evidências científicas disponíveis sobre determinado problema investigado, de forma a subsidiar diagnósticos, procedimentos clínicos e tomada de decisão em políticas de saúde pública. A extensão progressiva do método a outras áreas do conhecimento, nas últimas décadas, é atribuída ao aumento exponencial do número de publicações científicas e à sua rápida difusão por meio das redes digitais, cuja capacidade de aquisição, armazenamento, difusão e análise de dados também cresce vertiginosamente (LUIZ, 2002, p.409-411). Contudo, o acesso aos textos completos das pesquisas ainda esbarra nas limitações das ferramentas de busca de certas bases de dados, que nem sempre permitem uma recuperação precisa por palavras-chave, como ficou evidente na coleta empreendida para este artigo na base de teses e dissertações da Capes.

Os estudos meta-analíticos exigem procedimentos de seleção, codificação, filtragem de dados, sistematização das informações e gestão da base bibliográfica resultante. As fontes potenciais para identificação de documentos são bases de dados bibliográficas informatizadas, autores que trabalham no mesmo tema de pesquisa, programas de conferência, dissertações, revisão de artigos, procura manual de periódicos relevantes, relatórios, entre outros (LOVATTO et alli, 2007, p.290). A meta-análise pressupõe a possibilidade de se ir e voltar várias vezes na pesquisa original e na base de dados que lhe deu origem, com o fim de checar variáveis e comparações.

(...) A construção da base de dados depende da organização lógica das informações descritas no material bibliográfico. Em vista da disponibilidade de

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
(Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro), novembro de 2011

:.....

dados, é necessário limitar a pesquisa bibliográfica no espaço (amplitude geográfica) e tempo (período de inclusão dos artigos). (...) Os dados a serem extraídos dependem dos objetivos, mas é importante elaborar um formulário de extração de dados (principalmente informações do material/métodos e resultados). Não é ideal ter critérios pré-determinados para inclusão e exclusão de artigos. É desejável que esses critérios sejam desenvolvidos à medida que se interage com a literatura (LOVATTO et alli, 2007, p.289).

Os dados avaliados por meta-análise podem ser de natureza qualitativa, expressos por algum código ou por meio de porcentagens. Também podem ser “espaciais”, isto é, associados a uma posição no espaço (LUIZ, 2002, p.421).

(...) em inúmeras áreas de aplicação, pode-se extrair de artigos sobre eventos isolados no espaço a posição geográfica dos fatos relatados, e isso pode vir a formar uma base de dados georreferenciados, sem que os autores originais tenham necessariamente se preocupado com essa informação. A visão conjunta, quantitativa e espacial promovida pelo uso concomitante de um sistema de informações geográficas e da meta-análise possibilitará em muitos casos o estabelecimento e até a comprovação de novas hipóteses sobre o relacionamento entre as variáveis estudadas. (LUIZ, 2002, p.422)

A análise gráfica de dados representa uma fase essencial de uma meta-análise, por permitir a visualização rápida das informações e relações importantes. Para Lovatto et alli (2007, p.290), “essa abordagem é muito útil porque nos dá uma idéia inicial e geral da heterogeneidade e coerência dos dados sobre a natureza e a importância das relações inter ou intraexperimentos”. A representação e análise gráfica dos dados também permite estabelecer hipóteses ou clarear pontos-chave para a meta-análise. A contextualização do problema e das condições sob as quais foram alcançados os resultados originais é fundamental para se evitar erros de interpretação ou de análise. Se o objetivo é obter uma lei geral de resposta a uma prática, é conveniente verificar se os experimentos agrupados são representativos dos vários contextos nos quais as práticas em questão serão aplicadas (LOVATTO et alli, 2007, p. 285-288).

A meta-análise é, por fim, uma ferramenta importante para mostrar áreas onde a evidência disponível é insuficiente e onde são necessários novos estudos (LOVATTO et alli, 2007, p.293). No âmbito das Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (CHSSA), pode ser de grande valia para o monitoramento e avaliação do “estado da

arte” de áreas de conhecimento ou especialidades em processo de consolidação como campo (caso da “comunicação ambiental”) ou de mudança paradigmática (como o “jornalismo ambiental”, que vem se tornando autônomo em relação ao jornalismo científico, do qual era considerado um subgênero). Permite, ainda, identificar lacunas de problemas de pesquisa ainda não abordados (ou esgotados) e também as diversas opções metodológicas e caminhos conceituais adotados no conjunto dos estudos analisados. Esbarra, porém, na imposição do modelo estatístico como procedimento obrigatório de validação, que não se aplica a pesquisas mais analíticas do que experimentais. Nesse sentido, vale lembrar que o termo *meta-analysis* foi usado pela primeira vez em 1976, em um artigo de cunho filosófico, e não estatístico, do psicólogo Gene Glass.

3. O jornalismo ambiental como objeto multidisciplinar

Duas vertentes tentam dar conta do jornalismo ambiental como campo de conhecimento e de práticas: uma segue o caminho da segmentação, do jornalismo especializado, fundado na relação ciência/natureza/ecologia (REYS, 2002; HERNANDO, 2004; ALCOLEA, 2008); a outra defende uma abordagem multidisciplinar e editorialmente transversal, que não separe o meio ambiente dos seus condicionantes sociais, culturais, políticos e econômicos (PARRATT, 2006; BUENO, 2007; AGUIAR, 2008; GIRARDI e SCHWAAB, 2008). O jornalismo ambiental desprende-se, assim, paulatinamente, da tradicional abordagem de subgênero do jornalismo científico, que atribuía às ciências e cientistas o privilégio explicativo dos fenômenos naturais e da relação dos seres humanos e da sociedade com a natureza.

Embora vários autores sinalizem um crescimento da cobertura midiática de temas ambientais desde os anos 1990, tanto em termos globais (PARRATT, 2006; COX, 2010), quanto no Brasil (BUENO, 2007; GIRARDI e SCHWAAB, 2008), estes também observam que o agendamento do debate público dessas questões pela mídia não vem

seguindo uma trajetória contínua e, sim, marcada por altos e baixos, ou ciclos descontínuos. Há unanimidade, também, na percepção desses autores quanto ao tratamento dado pelos meios de comunicação aos problemas ambientais contemporâneos, predominantemente centrado em catástrofes, desastres, acidentes, previsões sombrias, e pouco afeita à discussão das suas causas, responsabilidades e soluções. A exceção ficaria por conta de uma herança preservacionista, que enaltece “santuários ecológicos” e atitudes “ecologicamente corretas”, privilegiando o indivíduo sobre o coletivo.

Se é fato que o jornalismo ambiental é, antes de sua temática específica, uma atividade jornalística, as constatações anteriores levam à necessidade de se questionar a utilização automática dos critérios de noticiabilidade e “valores-notícia” aplicados ao fluxo cotidiano dos acontecimentos. Valores que não se restrinjam ao aqui e agora, ao imediato, ao urgente, “que raramente se aplicam a fenômenos ambientais, cuja solução requer ações com resultados a longo prazo”, como diz Parratt (2006, p. 23).

Uma meta-análise dos estudos de jornalismo ambiental deveria investigar como o mesmo objeto de interesse – por exemplo, o papel do jornalismo na “educação ambiental”, ou as disputas discursivas sobre o desenvolvimento sustentável – pode ser observado a partir de aparatos conceituais e metodológicos diferenciados, conforme a área de conhecimento em que a pesquisa se desenvolve, levando ou não a resultados semelhantes ou díspares. Além disso, diferentes olhares disciplinares são capazes de enxergar aspectos muitas vezes invisíveis a outros campos.

4. Recortes regionais dos estudos sobre jornalismo e meio ambiente

O critério de proximidade – um dos que permeiam os processos diários de seleção e hierarquização das informações jornalísticas – faz com que os veículos

valorizem de forma diferente aspectos de um acontecimento, de um assunto ou de uma situação que afetem particularmente a sua comunidade de leitores ou o contexto sociogeográfico em que estão inseridos. Camponez (2002) destaca que a abordagem de temas de interesse de um público territorialmente demarcado pode mantê-lo continuamente interessado no veículo. A disponibilidade da informação, os referenciais compartilhados pelo público em relação aos conteúdos veiculados, e o espaço geográfico como “o lugar de produção e de apreensão dos acontecimentos” são alguns dos indicadores do que esse autor chama de “rituais de comunicação da imprensa regional”.

Gabriel Ringlet (*apud* CAMPONEZ, 2002, p.108) “destaca o papel estruturante que a geografia desempenha na definição da informação local”, permitindo identificar as “zonas de cobertura” privilegiadas pelos veículos. Nessa perspectiva, local ou regional seria “tudo o que está claramente localizado do ponto de vista geográfico ou sociológico” (*idem*, p.109), de uma escala micro – um bairro urbano, uma comunidade rural – a macrorregiões, ou seja, conjuntos de cidades articuladas identitariamente por algum referencial sociogeográfico, muitas vezes relacionados a recursos naturais.

A acessibilidade aos recursos naturais, assim como o seu deslocamento, revela a natureza das relações sociais e de poder entre os “do lugar”, e suas apropriações ou expropriações definem a fronteiras e limites dos territórios que os contêm. Definem também as “múltiplas relações de escalas imbricadas: relação cidade-campo; intra-urbana; interurbanas; intra-regionais; inter-regionais/nacionais e internacionais, conforme Anibal Quijano (*apud* PORTO-GONÇALVES, p.292).

Esse enfoque é corroborado em várias das dissertações levantadas para este artigo, nos quais é possível identificar pelo menos cinco escalas de espacialidade: local, regional, nacional, global e transterritorial. Tais escalas aparecem em referências explicativas dos recortes selecionados para as pesquisas, como as dos exemplos que se seguem.

"Entender a prática jornalística além dos grandes centros urbanos" foi a justificativa para a análise da cobertura dos incêndios florestais em Roraima,

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
(Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro), novembro de 2011

:.....

apresentados como "o maior acidente ecológico da história recente ocorrido na região amazônica", em dois jornais da "imprensa regional", a Folha de Boa Vista e o Brasil Norte. Por outro lado, foi a preocupação com os "problemas ambientais urbanos" da capital piauiense que levou o pesquisador a investigar a cobertura feita pelo Diário do Povo, de Teresina. A conclusão foi a de que o jornal "privilegia o cenário nacional em detrimento do local, muitas vezes apresentando temas distantes da realidade piauiense".

Algo semelhante foi observado no Jornal Página 20, único do Acre que dispõe de uma editora específica para o meio ambiente. No entanto, com um bioma tão rico à sua volta e tantos problemas com meio ambiente construído, as notícias aí veiculadas são majoritariamente de procedência externa, ignorando as relações sociedade-meio ambiente no âmbito local. Por outro lado, um levantamento sobre a cobertura dos dois principais diários baianos, Correio da Bahia e A Tarde, verificou que mesmo na época de grande repercussão internacional, o debate sobre o aquecimento global teve "importância periférica" em relação outros temas ambientais destacados na pesquisa, como o biodiesel e a transposição do Rio São Francisco.

Três pesquisas exemplificam os referenciais transterritoriais na cobertura de temáticas ambientais. A primeira concentra-se em três acidentes ambientais, de contaminação de rios por resíduos industriais tóxicos, ocorridos em um estado com repercussão e desdobramentos no outro. Essa observação levou o pesquisador a optar por analisar dois jornais de cada lado: os mineiros Estado de Minas e Hoje em Dia, e os fluminenses O Globo e Jornal do Brasil. A conclusão foi a de que "a localização dos eventos ambientais interferiu na sua noticiabilidade pela imprensa". A segunda relaciona disputas territoriais e preconceito sociocultural ao analisar o tratamento que a imprensa "nacional" (revistas Veja e Isto É, e jornais O Globo, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Jornal do Brasil) dispensou à acusação de estupro feita ao índio kayapó Paulinho Payakã à época da Eco-92. Para o pesquisador, os questionamentos sobre as relações entre as populações indígenas e a sociedade nacional, bem como sobre as políticas que as regem, agenciaram opiniões contra os direitos indígenas especiais. A terceira analisa "como o Pantanal Mato-grossense é caracterizado pelo programa jornalístico de

televisão Globo Repórter", veiculado pela "emissora com maior audiência e penetração nacional". Apesar disso, "nota-se um esforço em abordar novas temáticas e incluir diferentes fontes, dando voz à população pantaneira".

No entanto, apesar desses exemplos, apenas uma dissertação mencionou o referencial de proximidade como determinante para a viabilização de um "Jornalismo Ambiental de qualidade" na mídia local e regional.

5. Considerações finais para seguir adiante

As reflexões teóricas, metodológicas e empíricas apresentadas neste artigo tiveram como objetivo apontar para a necessidade e possibilidade de maior conhecimento dos estudos de jornalismo ambiental, como constitutivos tanto para a consolidação do campo de Estudos do Jornalismo, quanto para melhor configuração do ainda emergente campo da Comunicação Ambiental.

Indica-se, também, a necessidade de amadurecer os procedimentos metodológicos da meta-análise, no sentido de incorporar pesquisas não experimentais e não dependentes de dados estatísticos. Nessa direção, há um amplo universo a explorar, composto não só pelos textos completos das teses e dissertações aqui mencionadas, como a larga produção de artigos acadêmicos que se acumulam nos bancos de dados dos três principais eventos científicos anuais do campo da Comunicação. Reitera-se que a meta-análise é uma ferramenta importante para mostrar áreas onde a evidência disponível é insuficiente e onde são necessários novos estudos, particularmente neste momento de mudança paradigmática que o jornalismo ambiental atravessa, rumo à transversalidade.

Referências

AGUIAR, Sonia. Ciência, jornalismo e meio ambiente: confrontos discursivos. In: SOUSA, Cidival M. (org.). **Jornalismo científico & desenvolvimento regional: estudos e experiências**. Campina Grande: EDUEPB, 2008. p. 168-180.

ALCOLEA, Carlos Cahán. **Últimas tendências em el periodismo ecológico**. Madrid: Ediciones FIE, 2008.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
9º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
(Rio de Janeiro, ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro), novembro de 2011

.....

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação e jornalismo ambiental: conceitos e reflexões. In: Bueno, W. da C.. **Comunicação, jornalismo e meio ambiente: teoria e pesquisa**. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007. P.11-54.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: Minerva, 2002.

COX, Robert. **Environmental communication and the public sphere**. 2nd. ed. London: Sage, 2010.

GIRARDI, Ilza; SCHWAAB, Reges Toni (orgs.). **Jornalismo ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote/ NEJRS, 2008.

HERNANDO, José A.A. **El tratamiento de la información ambiental: los retos del periodismo ecológico**. Disponível em: <<http://chasqui.comunica.org/content/view/87/58/>>. Acesso em: 20 março 2011.

LOVATTO, P.A.; LEHNEN, C.R.; ANDRETTA, I.; CARVALHO, A.D.; HAUSCHILD, L.. Meta-análise em pesquisas científicas: enfoque em metodologias. **Revista Brasileira de Zootecnia**, v.36, suplemento especial, p.285-294, 2007

LUIZ, Alfredo José Barreto. Meta-análise: definição, aplicações e sinergia com dados espaciais. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v.19, n. 3, p.407-428, set./dez. 2002.

PARRAT, Sonia F. **Medios de comunicación y medio ambiente**. Madrid: Editorial Fragua Libros, 2008.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Nota conceitual: a centralidade do conceito de território para enfrentar o desafio ambiental contemporâneo. In: Porto-Gonçalves, C. W.. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 287-298.

REYS, Rogelio F.. **En torno al debate sobre la definición del periodismo ambiental**. Ambitos, n° especial 9-10, 2º semestre 2002/ año 2003 (p.143-151).